



FAMÍLIA DEHONIANA

Newsletter de contato da Família Dehoniana em Portugal

#23 | Abril 2019

Aqueles que amam
extremamente Nosso Senhor
não são apenas pacientes
e fortes, são felizes por terem
ocasião de lhe provar o seu
amor. O amor da cruz
é o mais precioso de todos
os frutos pelo seu amor.

Padre Leão Dehon



Caros Irmãos e Irmãs

Ainda em tempo da Quaresma, “quando Jesus multiplica os seus apelos para ganhar as almas, para que elas se convertam e ressuscitem espiritualmente” (L. Dehon, ASC, p. 129), e quando já se vislumbram os alvares da Ressurreição, “com as suas graças especiais, graças de alegria espiritual, de santa esperança, de acção de graças, de firmeza no serviço do bom Mestre” (idem, p. 375), chega até vós mais um número da Newsletter da Família Dehoniana em Portugal. Com ela, os nossos votos de uma Páscoa Santa e Feliz.

Celebrámos o 176º aniversário do nascimento do Venerável Padre Leão Dehon, Fundador da Congregação e pai carismático de toda a Família Dehoniana. O Superior Geral, P. Carlos Luís, endereçou-nos uma carta onde aponta o nosso caminho comum, segundo a nossa vocação pessoal e de grupo: **“Consagração, ministério e comunidade: o nosso caminho”**. Vivendo a nossa comum consagração baptismal, ou outra consagração especial, exercemos o ministério que

nos é confiado. E havemos de exercê-lo em comunidade, em comunhão, em Família. Ao falar dos meios de santificação indicados pelo Coração de Jesus a Santa Margarida Maria, o Fundador cita palavras do Senhor: “O meu Coração reina no sofrimento, triunfa na humildade e alegra-se na unidade” (idem, p. 347). A vida de Leão Dehon foi marcada pela sombra constante de cruz. É, pois, com plena consciência da realidade da vida que ele escreve: “O Coração de Jesus ama a cruz redentora. Amemos a nossa cruz de cada dia, o trabalho, a fadiga, a humildade, a obscuridade. Suportemos com suave paciência as incomodidades da vida comum e as provações que a Providência nos envia.” (ASC, p. 63). Na Mensagem para a Quaresma, o Santo Padre Francisco alerta para o respeito pela Natureza. É um aspecto cada vez mais importante a ter em conta. Um breve artigo do P. José Domingos, SCJ, ajuda-nos a uma reflexão sobre o tema. Os Escritos do Padre Dehon continuam a ajudar-nos a conhecê-lo cada vez melhor. As diversas notícias dão conta de algumas actividades da Congregação e da Família Dehoniana, nomeadamente da Companhia Missionária do Coração de Jesus, que prepara a celebração do 60º aniversário da sua Fundação.

Para todos, uma Páscoa Santa e Feliz!

P. Fernando Fonseca, scj
Coordenador Nacional

Carta do Superior Geral

Na ocorrência do 176º aniversário do nascimento do Padre Leão Dehon, a 14 de Março de 2019, o Superior Geral, Pe. Carlos Luis Suárez Codorniú, scj, da cidade de Eluru, na Índia, a 1 de Março pp., enviou, aos membros da Congregação e aos membros da Família Dehoniana, uma carta intitulada: Consagração, ministério e comunidade: nosso caminho. Escreve o Superior Geral:



Aos membros da Congregação
A todos os membros da Família Dehoniana

No dia 19 de Dezembro de 2018 lembrávamos os 150 anos da ordenação sacerdotal do Pe. Leão Dehon. Na carta que enviamos para lhes augurar bom Natal, dizíamos que “o seu ministério na Igreja foi um contínuo aprender a caminhar com os outros e para os outros”. A proximidade com a data de seu nascimento

dá-nos mais uma vez a oportunidade de continuar a agradecer a Deus pelo dom de sua vida, vocação e ministério.

No seu permanente desejo de aprender, reconhecemos o seu constante desejo de buscar e viver a vontade de Deus, sua grande paixão. Por ocasião deste novo aniversário, parece apropriado considerar que o ministério presbiteral que recebeu não significou para Dehon o fim de seu desejo inquieto pela vontade divina. De facto, o nosso Fundador não ficou paralisado pelo clericalismo conformista que também hoje, como então, está à espreita. Pelo contrário, sentiu-se chamado a continuar a mergulhar na dinâmica da graça baptismal que o ligara para sempre à vida trinitária.

Da sua intimidade com o Senhor, consciente dos méritos e limitações da Igreja em que viveu, atento aos desafios políticos, sociais e económicos do momento, acabou entendendo que o Senhor, a quem tanto queria agradar, o chamava à vida religiosa. Quanto bem nos faz considerar a dinâmica vocacional que ocorreu na vida de nosso Fundador! Foi uma jornada interior que lhe permitiu integrar vocação, ministério e comunidade. Somente depois de muita oração e discernimento, encorajado por ilustres homens e mulheres do seu tempo aos quais se dirigiu com humildade para pedir orientação e aconselhamento, entendeu que Deus o estava a chamar para partilhar

com outros um caminho de fé, inspirado na contemplação atenta do Coração trespassado do Salvador. É aí que nascem os Sacerdotes Oblatos do Coração de Jesus.

Devemos reconhecer que o nosso itinerário pessoal e a nossa consagração religiosa adquirem mais identidade e sentido na medida em que entramos no itinerário vocacional do Padre Dehon. Ao longo dessa trajectória, foi-se formando nele um coração de pai e de irmão. Nós, que hoje vivemos a nossa consagração a Deus a partir da vida religiosa, como presbíteros ou como irmãos, devemos continuar a acolher como seiva indispensável a herança carismática que nos foi legada.

No entanto, estamos conscientes de que em muitas ocasiões o desenvolvimento adequado de nosso itinerário vocacional é afectado pela forma como respondemos às necessidades, tarefas e compromissos que nos chegam da realidade eclesial, da sociedade ou mesmo dos nossos interesses muito pessoais. Diante de tanta urgência, estejamos atentos para que a nossa identidade não seja reduzida a uma simples função ministerial ou profissional. Se assim fosse, acabaríamos privando a Igreja da genuína vocação que recebemos para viver a nossa vida religiosa.

Nesse sentido, vale a pena lembrar que, há vinte e cinco anos, a Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica publicava “A vida fraterna em comunidade”. Ao longo dos anos, este documento ajudou muitas comunidades religiosas a se renovarem e a se concentrarem na contribuição que se espera delas para a vida da Igreja:

Peritos em comunhão, os religiosos são chamados a ser, na comunidade eclesial e no mundo, testemunhas e artífices daquele projecto de comunhão que está no vértice da história do homem segundo Deus. Antes de tudo, com a profissão dos conselhos evangélicos, que liberta de qualquer impedimento o fervor da caridade, eles se tornam comunitariamente sinal profético da íntima união com Deus sumamente amado. Além disso, pela quotidiana experiência de uma comunhão de vida, de oração e de apostolado, como componente essencial e distintivo de sua forma de vida consagrada,

Da sua intimidade com o Senhor, consciente dos méritos e limitações da Igreja em que viveu, atento aos desafios políticos, sociais e económicos do momento, acabou entendendo que o Senhor, a quem tanto queria agradar, o chamava à vida religiosa. Quanto bem nos faz considerar a dinâmica vocacional que ocorreu na vida de nosso Fundador!

fazem-se “sinal de comunhão fraterna” (VFC 10).

Relendo este texto, vemos como o Espírito nos impele incessantemente a encarnar, aqui e agora, o que Ele nos deu no nosso carisma dehoniano. Que a nossa oblação diária, expressa em palavras e acções, seja uma declaração sincera e um acento distintivo da nossa disponibilidade partilhada, para o anúncio do Evangelho:

Com frequência os religiosos se distinguem pela cor do seu hábito; o hábito da nossa alma diante de Deus deve ser o amor e, se forem preciso dois, o segundo seria a compaixão. Sem isso não existe o Oblato; é absolutamente necessário. (Cahiers Falleur 1/48).

Desejamos a todos uma boa celebração deste novo aniversário. Que essa festa continue a nos estimular no caminho comum, e que o Senhor nos conceda a graça de vocações desejosas de continuar a percorrer o caminho que o Pe. Dehon inaugurou para nós.

In Corde Iesu,

Pe. Carlos Luis Suárez Codorniú, scj
Superior Geral e seu Conselho

Uma Vida à sombra da Cruz

Celebramos, a 14 de Março, o aniversário do nascimento do Venerável Padre Leão Dehon, Fundador da Congregação. No tempo de Quaresma, que estamos a viver, pensei oferecer aos caros leitores uma pequena reflexão sobre a vida do Fundador, uma vida à sombra da cruz.

Não há dúvida que a longa vida de Leão Dehon decorreu, de modo quase permanente, à sombra da cruz. É o normal na vida dos discípulos do Senhor. Mas, em Leão Dehon, atingiu uma intensidade não comum. O Fundador aceitou a cruz da vida com muita coragem e fé. A sua vocação reparadora concretizou-se claramente na oferta dos sofrimentos suportados com paciência e abandono, mesmo na noite escura e na solidão, como eminente e misteriosa comunhão com os sofrimentos e a morte de Cristo pela redenção do mundo, como lemos nas actuais Constituições da Congregação (nº 23). Ou em espírito de amor e de reparação, como o próprio Dehon gostava de dizer. A cruz, instrumento da nossa redenção, ou reparação, é, de facto, também passagem obrigatória para toda e qualquer cooperação na obra redentora de Deus.

Os biógrafos de Leão Dehon mostram como a sombra da cruz se projectou sobre a sua vida desde a infância, e se acentuou com a fundação da Congregação dos Oblatos, Sacerdotes do Coração de Jesus. Consequência do seu voto de vítima? Pode ser. Mas é claro que a fundação e o crescimento da Congregação decorreram numa dinâmica de morte e de ressurreição.

Ao emitir os seus primeiros votos religiosos, a 28 de Junho de 1878, festa do Coração de Jesus, o Padre Dehon acrescenta o “voto de vítima”. Esse voto dá o tom carismático à fundação. Escreve o Fundador: “Entreguei-me sem reservas ao Sagrado Coração de Jesus e na minha intenção os votos já eram perpétuos. A minha emoção foi muito profunda. Sentia que tomava a cruz aos ombros, entregando-me a Nosso Senhor



como reparador e como fundador de um novo Instituto”. Estas palavras ajudam-nos a compreender os acontecimentos relativos à sua pessoa e à Congregação. O espírito de vítima, ou de oblação até ao sofrimento e à morte, é essencial no carisma dehoniano e caracteriza a espiritualidade reparadora que dele decorre. Foi assim que o próprio Padre Dehon e os seus primeiros discípulos a entenderam. A este propósito, o Fundador escreve ao Padre Afonso Rasset, um dos seus primeiros companheiros e colaboradores: “Creio que, consagrando-nos ao Sagrado Coração de Jesus, se obtêm sobretudo esplêndidos insucessos, humilhações, derrotas e catástrofes, à mistura com sucessos incríveis que provocam o maior espanto, quando se considera a pobreza dos instrumentos...”. Esta convicção do Fundador é uma constatação do modo de agir de Deus com quem se dispõe a cooperar

O Coração de Cristo,
aberto na cruz, é o símbolo
privilegiado do amor do
Pai que entrega o Filho e
do Filho que, por amor, se
entrega para glória e alegria
de Deus e para nossa
salvação. A contemplação
do Mistério da Cruz
fortalece-nos na nossa
vocação de discípulos
missionários, ao estilo do
Padre Dehon.

com Cristo na obra da redenção, por meio de uma vida de amor e de reparação.

O Padre Dehon refere-se claramente às dolorosas provações que sofreu na sua vida pessoal e na vida do seu instituto, vendo-as como confirmação do seu voto de vítima. Faz delas uma leitura de fé. Parece evidente que lhe foi pedido que sacrificasse tudo: a vida, os bens materiais, as obras, incluindo a Congregação, e que aceitasse a incompreensão, as calúnias e as agressões morais de muitos, incluindo de alguns dos seus filhos espirituais. A sua vida foi uma espécie de agonia progressiva até à morte moral que ele chamará o seu “consummatum est”, quando é suprimida a Congregação. A sua não-beatificação, depois de assinado o respectivo decreto pelo Papa João Paulo II, em 2004, parece significar que a sombra da cruz se projecta sobre o Fundador, para além da sua morte.

Deus tomou a sério o voto de vítima do Padre Dehon, como ele mesmo escreve. E sabia o que estava a dizer. Surpreende-nos, efectivamente, o mistério de morte e de

ressurreição que envolve a sua vida. Como ao santo Job, foi-lhe pedido que sacrificasse tudo e se sacrificasse a si mesmo. Mas é exactamente nessa dramática situação existencial que emerge a sua completa estatura espiritual de homem e fundador. De santo! Quando tudo desaba à sua volta, mantém inabalável a fé, coloca-se nas mãos de Deus e espera contra toda a esperança. Quando tudo parece voltar-se contra ele, não culpa ninguém a não ser a si mesmo, e sofre e oferece tudo em espírito de amor e de reparação. Mesmo quando o seu coração sangra, apresenta-se sereno, optimista e até alegre. Do seu voto de vítima e do abandono nas mãos de Deus, retira uma força incrível e uma imperturbabilidade admirável. E não deixa de ser um mistério inexplicável o facto de conseguir, até nos momentos mais cruciais, concentrar-se numa contínua actividade de trabalho pastoral, de pesquisa e de redacção das mais variadas publicações de obras de carácter espiritual, social, de crónica e de viagens.

Ao celebrarmos mais um aniversário do nascimento de Leão Dehon, louvemos a Deus, admirável nos seus santos. Mas admiremos também a obra realizada por meio do seu servo, a Congregação dos Sacerdotes do Coração de Jesus, dada à luz e crescida no sofrimento do seu Fundador. Um sofrimento aceite e oferecido com amor. Ao morrer, a 12 de Agosto de 1925, o Padre Dehon deixou-nos em herança o mais precioso dos tesouros, o Coração de Jesus. Mas também nos deixou a Congregação, com o seu carisma, e nos deixou a sua santidade, que Deus fez brilhar de modo esplendoroso no cadinho da cruz.

O Coração de Cristo, aberto na cruz, é o símbolo privilegiado do amor do Pai que entrega o Filho e do Filho que, por amor, se entrega para glória e alegria de Deus e para nossa salvação. A contemplação do Mistério da Cruz fortalece-nos na nossa vocação de discípulos missionários, ao estilo do Padre Dehon. Como Cristo, e imitando o Fundador, somos chamados a inserir-nos no movimento de amor redentor, doando-nos com e como Cristo a Deus e aos irmãos, mesmo no sofrimento e, se preciso, na própria morte.

Fernando Fonseca, scj

Ecologicamente consagrados

Depois de «um tempo de confiança irracional no progresso e nas capacidades humanas, uma parte da sociedade está a entrar numa etapa de maior consciencialização. Nota-se uma crescente sensibilidade relativamente ao meio ambiente e ao cuidado da natureza, e cresce uma sincera e sentida preocupação pelo que está a acontecer ao nosso planeta» (LS 19). Os sinais de cansaço do nosso planeta já não podem ser ignorados nem desprezados. Embora alguns continuem a negar a gravidade dos sintomas, é possível reconhecer em muito boa gente um desejo de mudança.

Daqui brota, com toda a naturalidade, o apelo a que «o nosso seja um tempo que se recorde pelo despertar duma nova reverência face à vida, pela firme resolução de alcançar a sustentabilidade, pela intensificação da luta em prol da justiça e da paz e pela jubilosa celebração da vida» (LS 207). O caminho que temos pela frente é longo e talvez ainda estejamos a dar os primeiros passos, mas esta é, sem sombra de dúvidas, uma exortação – e um programa de vida – que se dirige a toda a humanidade e da qual ninguém se pode eximir. De maneira concreta, os consagrados são convidados a assumir e encarnar este desafio nas suas vidas e na vida dos seus institutos.

O apelo a uma «conversão ecológica» reclama que os homens e mulheres especialmente consagrados concedam mais espaço à dimensão ecológica no seu ser e fazer, na sua identidade e missão. A sensibilidade ecológica não pode ser mais uma moda passageira, entre tantas outras que a cada passo vêm e vão. Também não se trata de acrescentar um corpo estranho a uma realidade secular, que não está preparada para acolher essa nova perspectiva. É exactamente o contrário! Esta sensibilidade existiu sempre no coração da Vida Consagrada, embora, com o passar do tempo, se tenha turvado e obnubilado. De modo particular, as tradições franciscana e beneditina dão conta do grande relevo que esta perspectiva teve na história na Vida



Consagrada. Reactivar hoje esta dimensão ecológica, portanto, não é mais que regressar às origens mais genuínas desta forma de seguimento de Jesus.

Em bom rigor, a encíclica *Laudato si'* só se refere uma vez à Vida Consagrada, quando pede que «nos nossos seminários e casas religiosas de formação, se eduque para uma austeridade responsável, a grata contemplação do mundo, o cuidado da fragilidade dos pobres e do meio ambiente» (LS 214). Estas palavras dizem-nos que toda e qualquer educação ambiental implica «recuperar os distintos níveis de equilíbrio ecológico: o interior consigo mesmo, o solidário com os outros, o natural com todos os seres vivos, o espiritual com Deus» (LS 210). Deste modo, a Vida Consagrada emerge como esse âmbito de vida, no qual estes quatro níveis se podem entretecer de forma única e sólida, pondo de manifesto que consagrar-se a Deus é escolher uma vida plena e totalizante.

José Domingos Ferreira, scj

CONHECER O PADRE DEHON

Através do Escritos Espirituais

O AMOR QUE SE DÁ

O primeiro prodígio que nos impressiona no mistério da Incarnação é a habitação de Deus connosco, como um de nós: «*Emanuel: Deus connosco*». - «*E o Verbo fez-se carne e habitou no meio de nós*».

Pela sua onnipresença, Deus habita sempre connosco, mas o infinito separa-o da nossa pobre humanidade. Ele não tem um coração de homem para sentir por experiência o que é a compaixão. E eis o que o Verbo realizou ao fazer-se homem: tornou-se nosso amigo, nosso companheiro, nosso irmão; é nosso Pai e como que nosso Filho. Tais são os segredos que nos revelaram Belém e Nazaré. Lá, vimos o Deus onipotente, a sabedoria eterna tornada um encantador, mas frágil menino, humilde, submisso, fazendo-se o

pequeno servo das suas criaturas e mais tarde continuando na sua vida apostólica, por amor, esta servidão do seu Coração a respeito dos homens. Não era Ele o nosso servidor, aquele cuja ocupação era toda curar as doenças da nossa alma e do nosso corpo? Oh! Como é verdadeira esta palavra do nosso doce Salvador: «*O Filho do Homem veio para servir, e não para ser servido!*» «*Desceu do céu e fez-se homem!*» Eis os prodígios que este Coração adorável realizou! Não pensa senão em fazer-nos subir e Ele não sonha senão em descer até nós

Mas o mistério da Ascensão parecia dever pôr um termo a este estado de abaixamento amoroso do Filho de Deus. Ele oculta-se então aos nossos olhos, reveste para sempre



sangue e o seu amor. Mas, se este Coração se afastava de nós, mesmo que nos deixasse os outros sacramentos, que solidão nos seria feita aqui em baixo! Que isolamento! Que vazio! O nosso terno irmão, o nosso amigo já não estaria lá connosco! O seu Coração de homem já não escutaria de perto os nossos suspiros e as nossas lágrimas! Em que nos tornaríamos?

Mas o seu terno Coração soube tudo arranjar, e a fim de permanecer sempre connosco, inventou o sacramento do amor. Não vemos Jesus, mas Ele está lá; só as fracas aparências eucarísticas nos separam d'Ele, e temos a fé para as penetrar, e temos um coração que voa para o Coração de Jesus, tornado mais do que nunca o Coração do nosso irmão e do nosso amigo. É assim que o Coração de Jesus cumpre a sua promessa: «Não vos deixarei órfãos».

É assim que a Eucaristia continua o mistério da Incarnação e multiplica por toda a parte Belém e Nazaré. A Eucaristia torna mesmo Nosso Senhor mais perto de nós do que o mistério da Incarnação, e quando reflectimos bem nisto vemos que Ele não se afastou do homem pela Ascensão senão para estar mais perto dele pela Eucaristia, porque as condições da vida mortal não permitiam ao Salvador tornar-se presente em todos os pontos do espaço, em todo o coração que o amasse e que desejasse a sua visita, mas a sua vida gloriosa permite-lhe a onnipresença do amor; o seu Coração está em toda a parte, encontramos-lo em todos os santuários, e se a nossa ligeireza e a nossa indiferença não impedissem as efusões deste amor insaciável no dom de si mesmo, ser-nos-ia permitido como aos primeiros crentes de o guardar nas nossas casas e de o levar sempre no nosso coração. Tal teria sido a condescendência deste Coração generoso, se a Igreja não tivesse tomado, de algum modo contra Ele mesmo, o cuidado do respeito que Lhe é devido.

Mas se este privilégio não nos é concedido, nós podemos sem grande fadiga, e quando queremos, a toda a hora do dia e da noite, aproximar-nos do Coração eucarístico, falar-lhe, abrir-lhe todo o nosso coração, atraí-lo a nós e fazer d'Ele tudo quanto quisermos. Porque, na santa Eucaristia, o seu Coração tornou-se dependente de nós, mais ainda do que não o era em Belém e em Nazaré. É certamente fácil pegar numa criança, abraçá-

A Eucaristia continua o mistério da Incarnação e multiplica por toda a parte Belém e Nazaré. A Eucaristia torna mesmo Nosso Senhor mais perto de nós do que o mistério da Incarnação, e quando reflectimos bem nisto vemos que Ele não se afastou do homem pela Ascensão senão para estar mais perto dele pela Eucaristia, porque as condições da vida mortal não permitiam ao Salvador tornar-se presente em todos os pontos do espaço, em todo o coração que o amasse e que desejasse a sua visita.

la e acariciá-la, mas é bem mais fácil pegar num bocadinho de pão, colocá-lo onde se quiser. E quando se pensa que sob esta débil aparência o Coração de Jesus mesmo está lá; quando se pensa neste amor que quis até este ponto tornar-se dependente de nós, como não chorar, como fazia o santo Cura de Ars exclamando: «Faço d' Ele o que quero, coloco-o onde quero!» Porque o privilégio de dispor da humanidade santa tornou-se um dos mais preciosos privilégios que possam ter as mãos sacerdotais. Mas é meditando na vida eucarística escondida que nos será dado aprofundar este prodígio de amor. Para hoje, basta-nos verificar este primeiro ponto.

Pela santa Eucaristia, a Incarnação multiplica-se sobre todos os pontos da terra habitável; em toda a parte aonde nos é dado dirigir os nossos passos, encontramos o Coração do nosso irmão e do nosso amigo, sempre pronto a nos receber, sempre pronto a nos consolar, sempre pronto a nos cumular de graças, a nos iluminar, a nos levantar e a nos perdoar. Assim, nesta Incarnação nova,



é sobretudo o Coração de Jesus que está presente; Ele esconde todo o resto, a sua divindade, a sua humanidade, a fim de melhor deixar ver o seu Coração; e se os olhos do corpo não podem ver, como o vêem os olhos do coração e como sabem penetrar os véus que o envolvem! Ah! Porque não nos é dado multiplicar também o nosso coração para o dar a este Coração que se multiplica por nós! Pelo menos, arranquemos os nossos pensamentos, as nossas afeições ao mundo, a nós mesmos, para os dar todos ao único Coração que nos ama, e se não podemos superá-lo nem mesmo igualá-lo em amor, ao menos que todo o nosso amor lhe pertença, todo, absolutamente todo; e ainda, depois disto, digamos que não somos senão servos inúteis.

II. A comunhão é também uma extensão da Incarnação

Mas não é a isto que se limita a extensão da Incarnação. Em que consiste propriamente este mistério inefável? É que o homem se torna Deus pela união hipostática da natureza divina à natureza humana. Ora, não convinha que o Verbo se incarnasse em cada um de nós. E todavia o Coração de Jesus, tão ávido de se dar, dizia para Si mesmo: Entre todos os meus tesouros, há um, o mais precioso de todos, a minha divindade, que se torna inacessível aos meus irmãos e aos meus amigos; não gozam como Eu da união hipostática. Ora bem! Eis o que farei; dar-

lhes-ei a minha carne que é a vida do mundo, inebriá-los-ei com o meu sangue, no seu coração colocarei o meu Coração e então a minha divindade unir-se-á a eles de um modo muito especial, embora não hipostático, dado que não o é por natureza. É assim que a divina Eucaristia, ^{/421} por meio da santa comunhão, nos faz entrar no mistério mesmo da Incarnação, e estende-o a todos os filhos de Adão que quiserem pôr-se em estado de dele aproveitar. Que há de maior? Que há de mais belo? Que há de mais terno e de mais generoso!

Associar-nos à divindade unindo-nos à humanidade santa de Jesus, ao seu Coração divino; tal é então o fim da santa Comunhão, e é assim que este Coração amante não se contenta com a qualidade de irmão, de amigo, ou de pai, mas torna-se o esposo das nossas almas e do nosso coração mesmo. «A minha carne, diz, é verdadeiramente uma comida, e o meu sangue verdadeiramente uma bebida». Comer Deus, dessedentar-se de Deus, incorporar-se em Jesus Cristo, não fazer senão uma só coisa com Ele, oh! Que glorioso privilégio! E quanto a incarnação eucarística é um complemento maravilhoso da primeira Incarnação.

Todos os autores místicos descrevem muito longamente os efeitos maravilhosos da santa Comunhão. Faltar-nos-ia o tempo para os analisar, mas nós encontramos tudo e muito mais nesta magnífica síntese: A

divina Eucaristia não é outra coisa senão a Incarnação aplicada a cada um de nós.

III. Que é necessário ir com confiança a sagrada Comunhão

Nós acrescentaremos apenas duas observações como corolários.

1ª A Santa Eucaristia é o pão da vida, o pão dado pela salvação do mundo; e a vida, é Deus mesmo; mas este pão maravilhoso tem todos os gostos e todas as delícias, como o maná; sabe adaptar-se a todas as necessidades da nossa alma, e transforma-nos n'Ele em vez de ser transformado em nós; adapta-se a todas as nossas inclinações, tem a doçura do leite e a força do pão; numa palavra, o Sagrado Coração de Jesus é absolutamente ao mesmo tempo para nós um alimento que nos faz crescer e uma bebida generosa que nos enche de alegria.

2ª A santíssima Comunhão é ainda a obra por excelência da alma cristã, que nada, absolutamente nada, poderia substituir, porque só ela nos pode dar a vida completa, isto é, deificar-nos tanto quanto nós o podemos ser. Os outros sacramentos preparam esta deificação e contêm-na em germe. Tal é a obra que o baptismo realiza em nós fazendo de nós o templo do Espírito Santo; mas, pela Eucaristia, este templo vivo assemelha-se a Cristo e faz do nosso coração o seu próprio coração e nós tornamo-nos assim como o filho bem-amado no qual Deus colocou todas as suas complacências. Compreende-se, portanto, que o demónio tenha feito tudo o que pode para afastar os fiéis da sagrada Mesa, porque quer fazer de nós os filhos do inferno e não os filhos de Deus; do mesmo modo, todas as heresias modernas, mesmo aquelas que procuram simular o catolicismo, podem reconhecer-se neste carácter: o afastamento da santa Comunhão sob pretexto de respeito. Infelizes! Não vêem que a humildade mais perfeita consiste em não desprezar o dom que nos faz a misericórdia do Sagrado Coração de Jesus. Também um dos principais efeitos da devoção ao Sagrado Coração será renovar a prática da comunhão frequente, mesmo quotidiana.

Ah! Sacerdotes do Salvador, admiremos o nosso privilégio. Este divino Coração depende de nós pela instituição eucarística; quer que nós O demos. Não lhe causemos esta dor de não O darmos.

**Associar-nos à
divindade unindo-nos
à humanidade santa de
Jesus, ao seu Coração
divino; tal é então o fim
da santa Comunhão,
e é assim que este
Coração amante não
se contenta com a
qualidade de irmão,
de amigo, ou de pai,
mas torna-se o esposo
das nossas almas e do
nosso coração mesmo.**

No entanto, não nos contentemos por nós mesmos, nem pelos fiéis, da disposição estritamente suficiente para a comunhão, isto é, a ausência do pecado mortal; porque então a comunhão impede sem dúvida de morrer, mas não traz todos os seus frutos de deificação. O nosso coração deve estar a respeito do Sagrado Coração de Jesus nas disposições:

1º de ardente desejo, como o exprimia a esposa dos Cânticos: «Ah! Que o meu amado me dê enfim o beijo da sua boca e do seu coração, que me una a ele, que me arrebate para junto de si»;

2º de doação inteira de nós mesmos àquele que se dá todo a nós: «*Eu sou para o meu bem-amado e ele é para mim*». O meu bem-amado, que quereis tomar? Aqui está em primeiro lugar o meu coração, é para vós; mas, quando ele vos pertencer, fazei-lhe querer tudo o que vos aprover. Ele estará sempre alegre, sempre contente, porque será vós mesmo.

Resolução. – Tenho Belém e Nazaré ao meu alcance pela Eucaristia. Quero servir-me disso largamente pela visita de Jesus e a sua recepção. Como José e Maria, posso possuir Jesus, conversar com Ele e mesmo recebê-lo em mim mesmo e como sobre o meu coração. Ó Jesus, como sois amável!

(CAM, A Eucaristia, pp. 418-422)

Através das Obras Sociais

V. – ATEÍSMO E INDIFERENTISMO SOCIAL

1. Pode o Estado ignorar a religião e desinteressar-se dela?

Não. Seria puro materialismo. A própria razão pede um culto social. Seria um crime de lesa-majestade divina: a sociedade, obra de Deus, deve culto ao seu autor. Seria uma perversão da finalidade da sociedade, que, em definitivo, não existe senão para facilitar ao homem o cumprimento de todos os seus deveres e para lhe abrir um caminho mais fácil para o seu destino supremo.

2. Que se tornará uma nação sem Deus?

Não se elevaria acima de uma reunião de seres sem razão entregues à satisfação dos seus instintos sensuais. O desprezo dos direitos de Deus prepara o desprezo de todos os direitos. Tal nação, por sua vez, seria vítima da tirania e da anarquia.

3. Qual é a nossa responsabilidade a esse respeito?

“Todos os cidadãos são obrigados a aliar-se para manter na nação o sentimento religioso verdadeiro e para o defender, se necessário, se uma escola ateia, apesar dos protestos da natureza e da história, se esforçasse por expulsar a Deus da sociedade, certa de apagar o sentido moral no mais fundo da consciência humana” (Encíclica aos Bispos de França, 16 de Fevereiro de 1892)...

VII. – O LIBERALISMO

1. Não é o Estado absolutamente independente da Igreja, de modo que a melhor condição é: "a Igreja livre no Estado livre"?

O liberalismo tem muitas variantes. Às vezes proclama que a Igreja e o Estado são duas sociedades completamente independentes

O poder político pertence aos príncipes, com as suas leis e juízes; o poder eclesiástico pertence aos seus bispos, às suas regras canônicas e tribunais. Unidos, formam um só corpo e, portanto, devem coexistir de modo que o poder inferior esteja subordinado ao poder superior. Em consequência, o poder espiritual não se intromete nos negócios temporais, desde que esses negócios não se oponham à finalidade espiritual ou não sejam necessários para a alcançar.

e separadas e que não precisam de se preocupar uma com a outra. Por vezes, reconhece com os velhos legistas que é preciso haver algumas relações entre as duas sociedades, mas que o Estado é absolutamente independente da Igreja - “O príncipe, dizem eles, não precisa de Deus nem da sua espada”.

Esses são princípios falsos. Não têm na devida conta o pensamento e a vontade positiva de Deus. Fazem violência contra a natureza das coisas, ao desconhecem os deveres essenciais e a função própria do



Estado. Deus deu a seu Filho as nações e os indivíduos: “*Dar-te-ei os povos em herança*” (Sl 2,8). E Cristo enviou os Apóstolos para levarem o Evangelho a todos os povos: “*Ide e ensinai todos os povos*” (Mt 28, 19).

Além disso, o simples senso comum não ensina que o homem colectivo, não mais do que o homem individual, não pode legitimamente colocar-se fora da revelação cristã? Podemos pensar que Deus, que impõe às existências privadas a regra superior da religião, tenha por lícita a secularização, isto é, a apostasia da sociedade civil? A natureza das coisas protesta contra semelhante hipótese.

Não tem o Estado, como já dissemos, um objectivo orientado para o bem supremo do homem? Não tem por missão procurar para o indivíduo uma ajuda e um apoio para alcançar o seu destino? Encontra nesses sujeitos títulos e direitos que não criou, direitos do homem, do padre, do cristão. E deve cobri-los com a sua protecção. Reúne indivíduos que têm um fim determinado: conduzir uma vida virtuosa. Dá-lhes ajudas para caminhar para esse fim. Como poderá, pois, organizar-se sem ter em conta a Igreja e os fins sobrenaturais que dominam toda a

VIII. – O ACORDO ENTRE A IGREJA E O ESTADO

1. Como devem ser as relações entre a Igreja e o Estado?

Segundo os grandes teólogos, particularmente Santo Tomás e Roberto Belarmino, Leão XIII lembra-nos que a Igreja e o Estado são entre eles como que alma e corpo. “O espírito, diz R. Belarmino, não interfere ordinariamente nas acções da carne. Deixa-a fazer todas as suas operações; no entanto, quando eles impedem o fim do espírito, ele comanda a carne e reprime-a.

Assim, o poder político pertence aos príncipes, com as suas leis e juízes; o poder eclesiástico pertence aos seus bispos, às suas regras canónicas e tribunais. Unidos, formam um só corpo e, portanto, devem coexistir de modo que o poder inferior esteja subordinado ao poder superior. Em consequência, o poder espiritual não se intromete nos negócios temporais, desde que esses negócios não se oponham à finalidade espiritual ou não sejam necessários para a alcançar” (De Romano Pontifice, liber XI, caput VI).

Nas coisas que por si mesmas e directamente se referem à vida presente, como as finanças, o exército, a administração da justiça, o comércio, a paz pública, o Estado goza de uma verdadeira independência e pode agir como poder supremo. Mas ainda, nessas matérias, o Estado é ou não obrigado a conformar os seus actos à lei moral e sobrenatural? Um católico, um homem racional, pode dizer não? Ora, quem é o intérprete autêntico, quem é o guarda oficial e o defensor da lei moral? É a Igreja, não é verdade? Se o Estado se perder, é dever da Igreja alertá-lo.

O objecto directo do poder da Igreja é o bem espiritual, mas, em consequência e indirectamente, ela pode intervir, com autoridade e sem usurpar, nas coisas temporais, quando os interesses espirituais nelas se misturam. Ela pode levantar a voz contra todas as ambições malsãs, para condenar a tirania dos príncipes e as revoltas dos povos, para estigmatizar e acabar com as leis injustas e atentatórias da moral e da consciência cristã (cf. Bula *Unam sanctam*; e o V Concílio de Latrão).

2. Reconhecer estes direitos à Igreja não é introduzir confusão de poderes?

De modo nenhum. A coordenação não é confusão. O poder paternal, por exemplo, é bem diferente do poder civil e, no entanto, não acontece que o Estado tenha de penetrar, em acção da justiça, no lar da família para aí fazer respeitar a ordem social e as leis naturais? Do mesmo modo, a Igreja pode intervir para defender dos excessos da tirania os direitos de Deus e os direitos dos povos.

3. Esta intervenção é sempre oportuna?

Não. Numa sociedade onde os príncipes cristãos são moderados ela não seria tão inoportuna quanto ineficaz. Era uma grande vantagem para a cristandade, para a saúde moral e mesmo temporal dos povos, quando as populações podiam compreender e apoiar este direito da Igreja. Hoje, não restam aos povos oprimidos e perseguidos por causa da sua fé senão o sofrimento sem saída ou a revolução.

4. São as liberdades modernas um progresso?

Não. São um enfraquecimento e um relaxamento dos laços sociais. É bom que as sociedades tenham uma doutrina social que

O objecto directo do poder da Igreja é o bem espiritual, mas, em consequência e indirectamente, ela pode intervir, com autoridade e sem usurpar, nas coisas temporais, quando os interesses espirituais nelas se misturam.

seja o apoio da legislação. As sociedades cristãs tinham aceitado, como doutrina social, o Decálogo e o Evangelho. Puniam a blasfémia, a profanação e a heresia. Hoje, a coesão social está muito enfraquecida. Não só toleramos, como convém a uma sociedade dividida, as religiões que se baseiam no Decálogo, mas também colocamos Maomé e Buda no mesmo plano de Cristo. Quem nos garante que não chegaremos a Moloch, que pedia sacrifícios de crianças, ou ao mormonismo que pede a liberdade para o adultério? Temos muito medo de não sermos suficientemente liberais!

A propriedade, a família, uma certa contenção nos costumes, são as leis ainda mais ou menos protegidas pelo nosso código actual. Mas o laço vai-se relaxando e os últimos vestígios do Decálogo podem desaparecer...

5. Estas liberdades são oportunas e até necessárias?

Sim. Numa sociedade moralmente enfraquecida como a nossa, numa sociedade revirada pelas revoluções, onde a unidade religiosa foi ferida, ou onde as dissidências doutrinárias estão profundamente enraizadas, convém que o poder civil, com medo de um mal maior e no interesse pela paz pública, conceda ao erro uma tolerância mais ou menos alargada, conforme os casos. A Igreja, tão atenta às circunstâncias e à condução dos espíritos, admite e pratica esta tolerância em justa medida...

(CSC, nn. 30-46, *passim*)

Através dos Escritos de Viagem

VIAGEM À TERRA SANTA

(continuação)

São Sabas

30 de Março (de 1865). Pomo-nos a caminho para a excursão ao mar Morto. Temos um intérprete maronita chamado Jorge, bons cavalos de sela que galopariam facilmente mais do que nós queríamos, e cavalos de carga para a tenda e as bagagens. Saídos pela porta de Jafa descemos o vale de Gihon, rodeamos o monte Sião e em Siloam tomamos o vale do Cédron para segui-lo quase constantemente. A estrada é uma simples vereda mal traçada. A torrente não tem água, o leito em muitas partes é cultivado. As colinas são pedregosas e áridas. Toda a palestina é assim hoje. Trazemos uma escolta de quatro Beduínos a pé, armados com longas carabinas. Após uma hora de marcha

encontramos um acampamento de Árabes: tendas negras, baixas, quadradas, mulheres e crianças esfarrapadas, numerosos rebanhos nas montanhas em redor. É um exemplo de vida nómada. Em breve, o vale é só uma garganta profunda, estreita e selvagem, uma paragem deserta, silenciosa e solene, aberta pela própria água através das estratificações calcárias. Estes ambientes austeros falam à imaginação e são apropriados para o retiro e a oração. Os ascetas dos primeiros séculos tinham escolhido a solidão das cavernas desta garganta. Mais tarde reuniram-se para assumir uma vida monástica. Daí surgiu esse mosteiro imponente e pitoresco que nos apareceu de repente ao sairmos da ravina. É uma verdadeira fortaleza, e contudo os muros nem sempre foram suficientes para proteger os habitantes que várias vezes foram vítimas da impiedade e da avidez dos Árabes. Os bons





do mosteiro, é muito venerada; lá vivia S. Sabas, na companhia de um leão. Os bons monges cultivam alguns frutos e legumes nos seus terraços. Possuem uma única palmeira secular. Ainda há lá 60 monges. Parecem cumpridores, e cantam Matinas antes do amanhecer. Não são eruditos. A sua biblioteca é rica em manuscritos, mas a chave é guardada pelo patriarca, em Jerusalém.

O Mar Morto - O Jordão

31 de Março (de 1865). Após uma hora e meia de marcha por colinas quase áridas, o mar Morto apareceu-nos com a sua coroa de montanhas sombrias e escavadas de barrancos pelas tempestades; mas precisámos ainda de quatro horas para alcançarmos a margem. A descida é longa. Enfiarmo-nos num desfiladeiro estreito e selvagem. Avista-se ao longe o Monte Nebo, a montanha de Moisés, com um monumento árabe no alto. Quantas recordações reúne esta terra privilegiada! Quando nos estávamos a aproximar do mar, os nossos Beduínos avistaram um grupo de cavaleiros e queriam fugir e arrastar-nos atrás deles. Nós resistimos, com confiança, e logo reconhecemos que os cavaleiros não eram salteadores, mas simples turistas como nós. Em conclusão, eu não sei para que nos servia essa escolta.

As margens do mar estão todas impregnadas de sal; mesmo assim, ainda se encontram

algumas plantas. A água é clara, transparente e enganadora. Ela é pegajosa. Pode-se tomar banho facilmente, a sua densidade não deixa ninguém afogar-se. Mas sai-se dela totalmente enfarinhados de sal. Esta água tem um sabor a Sodoma e Gomorra.

Depois do almoço sobre a areia, partíamos para o Jordão. Atravessámos nuvens de gafanhotos. O Jordão está encaixado nas suas margens. A alguma distância já não se vê o rio, mas o seu curso é sinalizado por uma faixa de vegetação. O vau onde param os peregrinos é um dos lugares mais encantadores da Palestina. Também João Baptista era artista, e escolhia bem os lugares para onde queria atrair o povo. Um belo espectáculo da natureza é próprio para elevar as almas a Deus. Foi então aí que Jesus foi baptizado, aí que S. João o reconheceu como Cordeiro de Deus, e que a Santíssima Trindade se revelou. Banhámo-nos com fé para renovar as graças do nosso baptismo. A torrente é rápida nesse sítio. Uma vegetação espessa e pujante embeleza as margens, predominando os choupos e as tamargueiras. Depois do banho, dirigimo-nos a galope para Jericó, passando perto da colina de Gálgala. Acampámos durante a noite junto da fonte de Eliseu. Um acampamento Inglês estava ao pé de nós; era lorde Spencer e duas crianças, uma das quais nos foi indicada como sendo o príncipe Artur de Inglaterra.

(NHV, pp. 164-169).

NOTÍCIAS

Comemoração do nascimento do Padre Dehon

No dia 14 de Março reuniram na Casa do Sagrado Coração de Jesus, em Aveiro, quase todos os confrades da zona Centro/Norte, a fim de comemorarem o 176º aniversário do nascimento do Venerável Padre Leão Dehon.

Pelas 11, 30 horas, o P. António Loureiro orientou uma reflexão a partir da carta do Superior Geral para esta ocasião e de um estudo do nosso confrade brasileiro, o P. Marcial Maçaneiro, SCJ. Foi uma reflexão interactiva onde se procurou identificar o essencial do carisma dehoniano, e encontrar as expressões mais adequadas para o transmitir às novas gerações. Em síntese, apontámos como elementos essenciais a oblação reparadora, numa vida eucarística, aberta ao apostolado e à acção social.

Tudo isto se pode dizer aos jovens com expressões como: experiência do amor de Deus, revelado em Cristo crucificado de Lado aberto, e solidariedade cordial e generosa com as pessoas do nosso tempo. Seguiu-se a adoração eucarística, silenciosa e contemplativa, na capela do Noviciado.

E tudo terminou num alegre e requintado ágape fraterno. Uma boa iniciativa! Parabéns à comunidade de Aveiro, aos organizadores e a todos os que participaram.

P. Fernando Fonseca, scj



Encontro de Acólitos

Ocorreu, a 23 de Fevereiro, no Seminário Nossa Senhora de Fátima, em Alfragide, um Encontro de Acólitos. Estiveram presentes 34 adolescentes e jovens acólitos.

O Encontro iniciou com uma oração no Oratório do Seminário, seguida de uma introdução geral ao “Ano Litúrgico”. Ao longo da manhã, os participantes tiveram a oportunidade de se formarem, através dos diferentes Workshops, sobre o Tempo Quaresmal, o Tríduo Pascal e o Tempo Pascal. O almoço partilhado marcou o finalizar de uma manhã de oração, estudo e convívio fraterno.

Pela tarde, puderam escutar alguns testemunhos vocacionais: de uma irmã hospitaleira, de um irmão dehoniano, e de um casal. Seguidamente, estes jovens tiveram a oportunidade de aprofundar o sentido dos sinais sagrados da Páscoa.

À celebração da Eucaristia seguiu-se um lanche-convívio e a despedida, desejando que, no futuro, se concretizem outros encontros de acólitos.

O Seminário de Alfragide agradece a participação dos acólitos neste encontro e pedimos a graça do Senhor para que, neste ano, mais jovens se deixem interpelar pelo serviço generoso ao Altar.

J. Amaro Pestana, scj



Falecimento do P. Carlos Silva

O P. Carlos Silva, dehoniano, faleceu esta tarde (dia 5 de Março de 2019), em Fátima. A notícia do seu falecimento surpreendeu muitos, uma vez que a sua simpatia e o seu sorriso transpareciam saúde. Pelo que foi possível apurar, o P. Carlos foi vítima de um fulminante ataque cardíaco, quando se preparava para celebrar a eucaristia das 16:30, no Santuário de Fátima.

Carlos Manuel de Carvalho Correia da Silva nasceu em Benguela, a 1 de Agosto de 1959, onde viveu até 1975. Chegado com a família a Portugal, residiu em Monte-Abraão, Concelho de Sintra. Aproximando-se dos Dehonianos, em Alfragide, entrou para o noviciado aos 20 anos, tendo professado, no Seminário Nossa Senhora de Fátima (Alfragide), a 7 de Outubro de 1980. Terminada a Licenciatura em Teologia, na Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, foi ordenado presbítero a 2 de Julho de 1989, prosseguindo os estudos teológicos, investindo no seu interesse em Teologia Espiritual, tendo concluído o Mestrado em Teologia em 1991. Nesse mesmo ano, inicia a presença dehoniana nos Açores. Em 1995 integra a

primeira comunidade dehoniana na diocese do Algarve, tendo sido pároco na zona pastoral de Vila Real de Santo António e Castro Marim até 2001, ano em que foi nomeado pároco de Alfragide. Durante 12 anos serviu essa comunidade paroquial. De 2013 a 2017 foi Pároco da Póvoa de Santa Iria (Vila Franca de Xira). Dedicou muitos anos da sua vida a acompanhar grupos do Renovamento Carismático Católico, sendo uma presença muito estimada no movimento, ao nível diocesano e nacional. Desde 2017, integrava o grupo de capelães do Santuário de Fátima. Na tarde de hoje, prestes a iniciar a celebração da eucaristia, faleceu, no ano em que completaria 60 anos de vida, e 30 de presbítero.

O Superior Provincial, P. José Agostinho Sousa, em nome da Província Portuguesa dos Sacerdotes do Coração de Jesus (Dehonianos), expressa uma palavra de condolências à família do P. Carlos, em especial à sua mãe, Maria da Glória Fernandes Carvalho da Silva, unindo todos os confrades dehonianos em comunhão de sentimentos e oração para que a paz não tarde.



Universitários Dehonianos

Deus na Sétima Arte

Perguntaram-me: “Se Deus está em todo o lado, também está na arte e no cinema?”

”A minha resposta foi imediata: Deus não só está no cinema, como o cinema deve ser um instrumento ao serviço da nossa aproximação a Ele!

Foi, com este mote, que contamos com a presença da Cucha, do Padre Rui Nunes e do Pedro Nogueira, para um momento de reflexão sobre a relação entre a fé e a Sétima Arte. Uma Noite 4x4 que começou com um momento de paragem e introspecção sobre o perdão, à volta da mesa do altar, na celebração da eucaristia, presidida pelo Padre Pedro e pelo Padre Antonino, seguido de um jantar, um momento único de partilha entre todos.

Durante a conversa – Deus na sétima arte, e através da experiência dos nossos convidados, entramos no mundo das personagens; da produção cinematográfica e do seu futuro e do cinema, enquanto arte que, mais do que entreter, faz sonhar.

Claro que não puderam faltar espaços de muita diversão e... pipocas!

Inês Carvalho



Nós Companhia Missionária

É com todo o gosto que partilhamos algumas notícias da Companhia Missionário do Coração de Jesus, que celebra o 60º ano de vida. Para ela, invoquemos a luz e a graça de Deus Amor para que, em cada dia, seja mais aquilo que é chamada a ser, segundo o carisma, a espiritualidade e a missão recebida.

MOÇAMBIQUE

Visita da Martina – Esteve em Moçambique, de 20 de Novembro de 2016 a 19 de Janeiro de 2017, visitou os grupos de Maputo e do Centro-Norte, com uma paragem em Quelimane, para se encontrar com a Gina. Encontrou-se pessoalmente com todos os membros (12 consagradas e 11 em formação de base) e também com as jovens em acompanhamento vocacional. Há uma grande vivacidade com os membros jovens, mas também uma certa fragilidade devido ao envelhecimento de algumas, contudo ainda plenamente empenhadas. Nota-se a acção da Providência divina que tem acompanhado e acompanha esta realidade CM, que em 2018 celebrará os 50 anos de vida.

No dia 15 de Janeiro de 2017, entraram no período de Orientação Joanita Octávio Mateus, Melita Victor Alves e Torica Constantino Santos; fizeram a passagem ao Biénio de Formação Alefa Albino e Joana Evaristo; Dalaina Armando renovou os votos.

A realidade formativa requer muito empenho e também muita fadiga, com resultados nem sempre gratificantes. Nos últimos meses de 2016, das 7 jovens que tinham entrado no período de Orientação em Janeiro de 2016, duas (Ana Paula e Glória) voltaram para as suas famílias de origem.

Existe um diálogo atento que permite uma boa partilha de vida e de responsabilidade entre os membros dos grupos, sobretudo no Centro-Norte. Para colaborar no serviço de formação, pediu-se a presença de Lucia Capriotti, em Moçambique, durante o verão, por ocasião das férias para o recenseamento.



No próximo verão, a Julieta Mendes e a Dalaina Armando passarão um breve período no Porto. Ambas frequentarão cursos de formação. A Dalaina, após a sua estadia no Porto, passará alguns meses em Itália, nos diversos grupos.

A Lisetta e a Leónia estão em Itália para cuidar da saúde e repousar. Está prevista a partida da Leónia, em breve. A Lisetta permanecerá em Itália até ao fim de Agosto. A Cecília estará em Invinha, de Abril a Setembro, para colaborar com a Mariolina no período de ausência da Lisetta e da Dalaina.

ESCRITOS DO PADRE ALBINO

Em breve, é possível publicar o primeiro volume das cartas a Rina, a Cesarina e a Bruna, precedentes à fundação da CM.

HISTÓRIA DA CM

Também este volume será publicado em breve.

PORTUGAL

Madeira No dia 5 de Novembro a Teresa Ornelas Correia foi acolhida no período de Orientação. A Luisa Chierici estará no Porto, no fim de Fevereiro, convidada a participar na celebração do 50º da CM em Portugal e no curso de formação permanente. Irá também à Madeira para encontrar esta realidade CM e animará, no Funchal, um retiro às missionárias e familiares.

GUINÉ-BISSAU

O grupo realizou o retiro anual em Dezembro de 2016 e a Nhamo Francisco Abna renovou os votos. De acordo com o grupo, o Conselho decide dar à Nhamo a possibilidade de viver, no verão, um período de tempo, no Porto, para uma formação mais aprofundada e para um maior conhecimento da CM.

A Marisol interrompeu a sua formação, período de orientação, mantendo no entanto uma boa relação com o grupo.

AMÉRICA LATINA

Missionárias, familiares e amigos do Chile e da Argentina reúnem-se, em Córdoba, de 13 a 19 de Fevereiro, para o retiro e a assembleia local anual. Está prevista a festa do *Eccomi*, em Resistência, no dia 25 de Março, por ocasião da renovação dos votos de Sílvia e Andréa.

ITÁLIA

Grupo de Lombardia-Ligúria

Anna Pati (Rosy), após dois anos no período de Orientação, foi admitida ao Biénio de Formação. Agradecemos ao Senhor e desejamos à Rosy um alegre e fecundo caminho formativo.

Festas do *Eccomi* - Em Brugherio no sábado de tarde, dia 11 de Março; em Bolonha, no sábado 25 de Março; em S. António Abate, no domingo 26 de Março.

60º CM E ENCONTRO DAS NEO-CONSAGRADAS

A celebração, em Bolonha, do 60º aniversário da fundação da Companhia Missionária realizar-se-á no dia 27 de Dezembro de 2017. De 28 a 30 de Dezembro, também em Bolonha acontecerá o encontro das recém-consagradas.

Todos os grupos CM são convidados/solicitados a celebrar o 60º aniversário de fundação, lá onde vivem

ENCONTRO DOS CONSELHOS DAS MISSIONÁRIAS E DOS FAMILIARES

O encontro das Responsáveis de grupo dos familiares será de 28 a 29 de Outubro de 2017, em S. António Abate. O tema será: “Uma herança a viver”.

Formação permanente – a partir do mês de Outubro de 2017, as missionárias e os familiares são convidados a fazer, onde é possível e em conjunto, o mesmo percurso de formação permanente sobre o tema da família, estudando também a exortação apostólica *Amoris Laetitia*. Este percurso pode ajudar-nos a sentir e a viver sempre mais a CM como família e a preparar melhor a celebração do 60º ano da fundação.

Animação vocacional das missionárias e familiares: Na América Latina procuram participar nos encontros vocacionais diocesanos; estão a pensar fazer uma missão no período de Natal e a preparar um calendário em 2018 com fotos e textos específicos da CM. Em Moçambique há uma bela realidade de amigos e é possível que alguns deles escolham entrar no percurso formativo dos familiares.

Em Génova o grupo está a dar um certo espaço a encontros com alguns amigos. É importante uma animação vocacional feita em conjunto, missionárias e familiares, nos vários lugares onde se encontram.

A Presidente e o seu Conselho,
Martina Cecini

IN MEMORIAM

Padre José Vieira Alves

O Padre José Vieira Alves nasceu na Ponta do Sol, Madeira, a 5 de Dezembro de 1934. Foi o último de 13 irmãos.

Ingressou no Colégio Missionário em 1948. Fez parte do segundo grupo de alunos do Colégio, que era bastante pequeno. Tendo ficado sozinho, os superiores fizeram-no avançar para o grupo que tinha entrado no ano anterior. Assim se tornou companheiro dos Padres Manuel Martins, Manuel de Gouveia, José Diomário e Fernando Ribeiro. Foi este grupo que, em 1952, rumou a Coimbra, dando início ao Instituto Missionário Sagrado Coração, nas caves do Seminário Maior da Diocese. Terminados os estudos pré-universitários, em Coimbra, o José Alves foi fazer o seu ano de noviciado em Albisola Superiore (Itália), professando a 29 de Setembro de 1956. Regressou a Portugal para o estágio de vida religiosa, no Colégio Missionário, no Funchal. Fez a profissão perpétua em Bolonha, a 29 de Setembro de 1959, sendo ordenado sacerdote 3 anos mais tarde, em 1961. Terminou os estudos de Teologia em 1962, regressou a Portugal, mas já destinado às Missões de Moçambique,



para onde seguiu em Dezembro do mesmo ano. Trabalhou no Seminário de S. Francisco Xavier, em Milevane, e, depois, no de Vila Junqueiro (Gurúè). Nos anos de 1972/73, frequentou o Instituto *Lumen vitae*, em Bruxelas. Regressando a Moçambique, integrou a equipa do Catequistado, em Nauela, até 1975.

Depois da extinção de grande parte das estruturas missionárias, incluindo as casas de formação, trabalhou nas missões do Ile e de Namarrói, na Zambézia. Em 1978, retomou o serviço de formador na casa do Maputo. Trabalhou seguidamente no Seminário Regional e foi pároco do Infulene, nos arredores da capital de Moçambique. Em 1998, a sua disponibilidade, fez com que aceitasse o pedido para acompanhar os jovens religiosos moçambicanos que iam terminar a sua formação nos Camarões. Aí adoeceu, tendo de regressar a Portugal.

Ainda integrou a equipa formadora do Colégio Missionário, no Funchal. Mas a sua situação foi piorando até que, a 17 de Novembro de 2000, faleceu.

O Pe. Alves, como era conhecido, era um confrade calmo, conversador e atento aos outros. Como prefeito os estudos, e formador, era exigente. Graças aos seus esforços, os alunos do Seminário de Milevane começaram, em 1969, a fazer os exames oficiais, com óptimos resultados.

A sua disponibilidade manifestou-se em diversas situações, quando lhe foram pedidos serviços com que não contava e que tinham as suas dificuldades. Era um homem corajoso. Manteve-se na missão de Namarrói, em situação muito difícil, acompanhado por outro notável missionário, o Pe. Manuel Gouveia. Decorria a guerra civil em Moçambique. Entre outras aventuras, certo dia, tiveram que abrigar-se debaixo de uma rocha, mergulhados no rio até à cintura, para escaparem das balas e obuses dos guerrilheiros. Depois, caminharam toda a noite até à missão do Ile, onde se refugiaram, na companhia de outros missionários. Repouse no Coração de Jesus.

P. Fernando Fonseca, scj